

SONSOLES ÓNEGA

AS FILHAS
da
CRIADA

Tradução
PAULO RAMOS



Há histórias que permanecem escondidas durante séculos e merecem ser contadas. Histórias de famílias que se desvanecem com os seus mortos, sepultadas sob as suas cinzas. Aquela que começou a forjar-se por detrás dos muros do solar do Espírito Santo é uma delas.

Até agora ninguém se atrevera a escrevê-la.

Apesar de ter voado como gaivota do mar.



Quando os senhores Valdés acabaram de jantar, o aroma da ria entrou na sala de jantar e perseguiu-os até à sala da chaminé, onde dona Inés sentiu o frio do parto.

Há vários dias que se sentia indisposta, mas não o esperava para tão cedo. O parto que estava previsto era o de Renata, casada com Domingo, um casal de caseiros e camponeses das terras do solar do Espírito Santo.

Mesmo que *don* Gustavo Valdés também soubesse o que iria acontecer numa questão de horas, não passaria disso, de uma conjectura. Na verdade, ninguém poderia confirmar aquilo que aconteceu depois daquela noite, chuvosa como todas as de fevereiro em Punta do Bico, província de Pontevedra.

O vento do norte açoitava os vidros e ameaçava estilhaçá-los com as suas investidas furiosas. *Don* Gustavo avivou a lenha na lareira

e mergulhou na leitura de um artigo sobre o cultivo da beterraba que, desde há algum tempo, revelava ser um tubérculo interessante com vista à sua exploração açucareira.

Dona Inés disse que estava com contrações, mas o marido não lhe prestou atenção nem reparou nas suas olheiras roxas nem como tinha a barriga descaída, quase até às coxas. Afastados como estavam – ele no seu cadeirão de orelhas e ela na poltrona estofada do mesmo tecido –, também não conseguiu ver que dona Inés estava a arder em febre.

– Não me sinto bem, Gustavo – voltou a dizer.

O marido desviou o olhar do jornal.

– Vai deitar-te, meu amor. Eu vou já.

Dona Inés olhou para o marido e viu-o tão embrenhado no *El Faro* que o deixou estar. Saiu da sala e foi espreitar à cozinha para pedir à Isabela, a criada, que lhe preparasse uma infusão bem quente.

– Mas não sei se vou bebê-la. Sinto que estou a morrer.

– O que tem, a minha senhora?

– Dói-me aqui.

Apontou com os dedos para o baixo ventre.

– Como se estivesse a rasgar-me as tripas.

– Vá para o seu quarto que eu levo-lhe um chá de camomila.

– De camomila não, Isabela. Leve-me um de tília.

– Um de tília?

– Sim, Isabela, um de tília. O Jaime está a dormir?

– Sim, minha senhora. Como um anjo. Não se preocupe com o menino. Suba, que eu vou já a seguir. Está com muito má cara.

– E Renata?

A senhora perguntou pela outra criada porque antes de se deitar gostava de passar revista à criadagem.

– Fechou-se em casa às seis da tarde.

– E não voltou a sair?

– Não, minha senhora.

– Sabe alguma coisa de Domingo?

– Deve estar na taberna – respondeu Isabela.

Dona Inés sentiu uma pontada na barriga que a fez dobrar-se até ao chão.

– Estou tão mal! Cá por mim, nasce hoje.

– Ai não, minha senhora. Não diga isso. Que é domingo. E não avisámos a parteira. Não teria tempo para chegar desde Vigo! É domingo!

– repetiu angustiada.

– O doutor Cubedo estará acordado?

– Não faço ideia, minha senhora. Mas já sabe que o doutor Cubedo não é para partos.

– Não me interessa. Vá chamá-lo, por favor.

– E onde vou procurá-lo a estas horas?

– Deve estar em casa dele, sei lá eu – respondeu dona Inés.

A agarrar a barriga com as duas mãos, conseguiu subir as escadas que davam acesso ao quarto principal. Mal se deitou na cama começou a sentir umas contrações desconhecidas. Em nada se pareciam com aquelas que anunciaram a chegada do seu primeiro filho, Jaime, no ano anterior. Eram secas e pungentes. Tocou-se e retirou a mão ensanguentada.

– Isabela! Isabela! Não há tempo a perder!

– É a senhora quem está a gritar assim? – perguntou sobressaltado *don Gustavo*.

Atirou o jornal ao chão e correu pelas escadas acima enquanto Isabela, sem responder ao patrão, saiu de rompante para ir procurar o doutor Cubedo. Encontrou-o já de pijama vestido e prestes a conversar com a almofada até ao dia seguinte.

– Doutor, tem de ir ao solar dos senhores Valdés. Dona Inés entrou em trabalho de parto. Está a morrer!

– Que exagerada, mulher!

– Não estou a exagerar nada. Diz que sente como se lhe estivessem a rasgar as tripas. Ainda não estava na hora, doutor! Despache-se, por amor de Deus!

– Quanto tempo lhe faltava?

– Pelo menos três semanas!

– Segundo os teus cálculos...

– Sim, senhor. Segundo os meus cálculos.

Tal foi a insistência da criada que o médico saiu como estava vestido. Só teve tempo para pôr um agasalho pelos ombros e agarrar na maleta, esquecendo-se do chapéu de chuva para a chuva incessante. Os caminhos lamacentos não lhes permitiam correr, pois arriscavam-se a escorregar a qualquer momento e o doutor Cubedo não estava para sustos. Os cães ladram e os gatos fugiram ao ouvir ranger o portão do solar. Subiram os degraus a dois e dois, ensopados até aos ossos e a empapar a madeira a cada passada. No quarto dos senhores Valdés, *don* Gustavo parecia uma alma penada aos pés da cama onde dona Inés tinha começado a parir sem parir.

– Por amor de Deus, doutor Cubedo, salve a minha mulher! – soluçou.

– Não me diga isso, *don* Gustavo, que não passa de mais um parto.

– Este parto vem mal – sentenciou o senhor.

O médico benzeu-se, despiu a roupa molhada e vestiu uma camisa seca e uma calças de *don* Gustavo que lhe ficavam enormes. O doutor Cubedo era um trinca-espinhas, um magricelas que não tinha maneira de engordar.

– Onde é a casa de banho? Preciso de lavar as mãos.

Isabela levou o médico.

– Ouve, rapariga. Ferve água e leva-ma quando estiver morna – ordenou-lhe enquanto se lavava.

Saiu da casa de banho com as mãos ainda a pingar, aproximou-se de dona Inés e, com a comissura dos lábios, comprovou que estava a arder em febre.

– Temos de a despir. É preciso baixar esta febre.

Don Gustavo e o doutor despiram a senhora da melhor maneira que lhes foi possível, pois não havia tempo nem espaço para recatos.

– Tape-a com um lençol fino e peça roupa velha à criada.

– Doutor, está a sangrar – sussurrou *don* Gustavo ao ver um rastro acastanhado no meio das pernas da mulher.

Cubedo pediu a ajuda de mais alguma criada, mas o senhor disse-lhe que, por ser domingo, Renata já se tinha retirado.

– Mas é uma emergência! – contestou o médico.

– É domingo e está a descansar – retorquiu perentório *don Gustavo*.

Isabela, que o ouviu ao entrar carregada com o alguidar com a água acabada de ferver, sentiu a raiva correr-lhe pelas veias, mas não disse nada porque, afinal de contas, ela também era criada daquele solar e não queria pisar o risco.

O doutor Cubedo atabalhoava-se a dar ordens a Isabela.

– Traz-me água, traz-me o álcool para desinfetar, traz-me a minha maleta, traz-me...

– Levo já, doutor, levo já.

– Não temos tempo para a parteira vir de Vigo? – perguntou o médico.

– Não temos, não – lamentou Isabela.

Cubedo sentiu-se tão desamparado que a mandou ir ao solar dos senhores da Sardina*.

– A criada deles tem jeito para os partos – disse.

– De animais, doutor! – exclamou a rapariga.

– Que raios é que isso importa agora!

– E é cega! – Isabela não conseguia conceber que aquela criada fosse a solução.

Don Gustavo negou três vezes com uma fúria que só ele poderia justificar.

– Não, não, não! Nem pensar! Nesta casa não entra ninguém que venha desse solar.

– Senhor Valdés, não há outro remédio. Preciso de ajuda! – gritou o médico. – Cega, zarrolha ou o que quer que seja.

Don Gustavo saiu do quarto, mas poucos minutos depois regressou e dos seus lábios semicerrados saíram apenas estas palavras:

– Ela que venha.

Perante a angústia do médico, Isabela foi buscá-la a correr. Dona Inés tinha as pupilas dilatadas e até o cabelo parecia ter encanecido

* Sardinha. (N. do E.)

de repente. A criada desfizera-lhe o carapito e o cabelo caía-lhe pelos ombros.

– Minha senhora, respire, respire fundo!

Mas dona Inés só conseguia gritar de dores e morder os nós dos dedos das mãos para as suportar. As tripas, duras que nem uma pedra.

– Não me agrada este sangue com espuma – comentou o médico.

– Que quer dizer? – perguntou *don* Gustavo.

– Não é habitual, mas acontece.

A *don* Gustavo pouco ou nada importava se era ou não habitual.

Só queria saber o que raios queria dizer o sangue com espuma e se a mulher podia morrer.

– Doutor...

O médico estava a preparar uma injeção.

– Doutor – insistiu –, ela vai morrer?

Cubedo ergueu a cabeça e fitou-o como se ele tivesse conjugado um verbo maldito.

– Que nem lhe passe pela cabeça voltar a fazer-me essa pergunta!

Don Gustavo aproximou-se da cama e a mulher fitou-o nos olhos com a tristeza que o infortúnio deixa. O marido começou a desfiar os acontecimentos da sua vida como se o tempo estivesse a esgotar-se, como se o futuro fosse de uma escassez sombria, como se ter enganado a esposa o submetesse a essa penitência insuportável. O seu pecado tinha sido deixar-se vencer pelo instinto. Mas foi só com Renata, só com ela! Rugiu a sua consciência.

– Dá-me a mão, Gustavo.

Até a voz de dona Inés lhe pareceu desconhecida.

Levou-lhe os dedos à boca para os beijar e recordou as primeiras noites naquela mesma alcova, onde consumaram o amor com que a vida os tinha abençoado.

– Dona Inés, vou injetar-lhe um coagulante.

O doutor Cubedo quebrou o silêncio imposto no quarto, mas *don* Gustavo já deixara de ouvir. Nunca suspeitou que precisaria de redimir a culpa, nem que sentiria a condenação em vida. Não que pretendesse retirar importância ao acontecido, mas podia jurar por todos

os seus mortos de Cuba que nunca deixara de amar Inés desde o primeiro dia em que a viu com dezasseis anos, fresca como um amanhecer. O eco da outra mulher, os seus gritos de prazer, os gemidos às escondidas ecoaram pelas paredes do solar.

– Dona Inés, a hemorragia parece controlada. Vou meter a mão para ver como é que está o bebé. Respire fundo.

O doutor precisou apenas de alguns segundos para confirmar que o bebé estava virado de nádegas.

– Mas por que diabos é que a criada dos Sardina não chega?
– resmungou.

Tinha perdido as boas maneiras e a elegância com aquela camisa enorme, cujas mangas enrolara até aos cotovelos, e aquelas calças dois tamanhos acima dos da sua cintura.

Nesse momento, Isabela entrou no quarto a guiar a parteira de animais. Encharcadas, as mulheres mais pareciam dois fantasmas transparentes. O médico e o senhor assustaram-se ao vê-las tal uma aparição funesta.

– Deus do Céu, Deus do Céu! – gritou o médico. – Vocês metem medo!

A parteira, de seu nome Mariña, aproximou-se da cama e deteve os seus olhos alvos em dona Inés. Colocou-lhe uma mão no ventre, que foi descendo até ao meio das pernas e, num gesto impróprio para uma criada, esbracejou para afastar Cubedo.

– Deixe-me fazer – disse.

– A criança está de nádegas – comentou o médico.

– Não me diga?! Sinto isso à léguia!

Mariña começou a dar ordens a todos com uma destreza inimigável.

– Isabela, abre as janelas. Estão aqui muitos demónios reunidos! – exclamou. – Doutor, massaje-lhe a barriga no sentido dos ponteiros do relógio.

A jovem despiu a roupa molhada, pediu uma camisa de noite ou o que tivessem e ajoelhou-se aos pés da cama. Tinha cara de garota, nem sequer de adolescente, mãos ágeis e aquele olhar, sempre às escuras, de quem nunca vira o rosto da morte.

Com uma perícia treinada na ajuda a partos de vacas, ovelhas e cadelas, agarrou as nádegas da criança e começou a puxá-la até que a separou para sempre das entranhas da mãe. Dona Inés nunca saberia como o vazio poderia ser profundo.

– É uma menina! – exclamou ao tocar-lhe.

– Uma menina! – repetiu Isabela.

– Uma menina viva! – replicou a voz do doutor Cubedo.

– Uma menina... – ouviu-se dizer *don* Gustavo.

Naquele instante, o senhor Valdés ficou sem saber o que sentir ou pensar.

Era a primeira menina a ter o apelido Valdés. Há três gerações que as mulheres se mantinham tão afastadas da família como o diabo da cruz.

Dona Inés estava branca como a cal. Parecia ter perdido os sentidos. Balbuciava apenas umas palavras que ninguém percebia.

– Minha senhora, aguente-se que a sua filha já está aqui.

A jovem criada atou o cordão umbilical com uma fita de seda e desinfetou-o com uns pingos de álcool. Foi nesse preciso momento que a menina chorou.

Isabela levou-a a correr para o alguidar e, enquanto a lavava, perguntou:

– *Don* Gustavo, como vai chamar-se?

– Oh mulher, por agora não pensemos em nomes! – exclamou o doutor Cubedo.

A criada do Espírito Santo aproximou-se do médico a uma distância algo indelicada.

– Peço que me desculpe, doutor... – disse – mas também é urgente passar esta menina pela Virgem, não vá acontecer...

– Não sejas ave de mau agouro! Já chega de maus agouros, *caralho*! E já disse o que tinha a dizer!

Isabela calou-se mas, refilona e teimosa como só ela, dois segundos depois voltou à carga.

– O senhor é médico e eu criada, mas vou entregá-la com nome à Virgem tal como mandam as regras.

Dito isto, enrolou-a nuns lençóis limpos e desatou a correr escadas abaixo. A noite fez eco das palavras da parteira:

– Isabela, vai chamar-se Carolina!

Não soube quem tal havia decidido. Mas isso também não era importante. Tal como também não foi que, em vez de Carolina, Isabela tivesse ouvido Catalina e que com Catalina, nome de mártir*, se ficasse para sempre.

A capela do solar, de granito robusto e telhado de duas águas, ficava a uns escassos vinte metros da entrada principal. A criada abriu a porta de madeira e, ajoelhada diante da figura da Virgem do Carmo pediu, como as devotas da paróquia, pela rápida recuperação de dona Inés e pelo bom futuro da sua filha.

– Veja que *filha* lhe trago! Chama-se Catalina. Receba-a, senhora Virgem do Carmo. E cuide da mãe. Prometo-lhe não faltar um único domingo à missa.

Aproximou-a aos pés da imagem e manteve-a uns minutos erguida. Fechou os olhos para rezar aquilo que sabia de memória e, quando os abriu, acreditou ver a Virgem a chorar.

– Meu Deus, que cruz! Que cruz! – exclamou Isabela com o medo a revolver-lhe o estômago.

Don Gustavo também desatou a chorar. Beijou a mulher na testa e retirou-se para a varanda que dava para as ilhas Cíes. Não se lembrava de ter sentido tanto medo nos dias da sua vida. Nem quando saiu de Cuba. Nem quando apostou o seu último dinheiro na serração. Nem quando recebeu as notícias das mortes dos seus familiares. Umas a seguir às outras.

Nunca.

– *Don Gustavo*! – gritou a parteira Mariña. – *Don Gustavo*! Está aqui? – perguntou.

Mas nada.

* Referência a Santa Catalina de Alexandria, ± 287-305. (N. do T.)

Don Gustavo parecia ter-se evaporado deste mundo. A partir da varanda tinha uma panorâmica perfeita da quinta na qual se erguia o solar imponente. A capela, o celeiro, os bonitos jardins, escuros como o horizonte àquelas horas da má noite de Punta do Bico. Ao fundo, ao lado das cavalariças e da *palleira* das alfaias agrícolas, a casa dos caseiros. Uma luz ténue de uma candeia acesa a um canto iluminava a sala com chão de pedra, decrépita e suja. *Don Gustavo* conseguiu vislumbrar o corpo contorcido de Renata, em posição de parto.

Como os animais de Mariña.

A silhueta traçava uma mulher que gritava aos céus, com um esgar de dor, o cabelo desgrenhado a tapar-lhe a cara, as palmas das mãos abertas a empurrarem a terra como se quisesse que esta se abrisse debaixo dela e o seu corpo expulsasse a criança que carregava.

Os gritos e as dores, guardou-os para si mesma.

Sem mais testemunhas além do olhar longínquo do senhor Valdés, Renata deu à luz outra menina a quem chamaria Clara. Como apelidos teria o de Domingo, Alonso, e o segundo de Comesaña, o da mãe.

Clara Alonso Comesaña.

– Senhor Valdés?

– Estou aqui, rapariga – murmurou.

Mariña guiou-se pela voz, aproximou-se dele e tocou-lhe nas costas. Todo ele tremia, desde a nuca aos tornozelos.

– Quer água? – voltou a perguntar a parteira, preocupada.

– Não é preciso.

– Vá para junto da sua mulher.

Qualquer homem, por mais imponente que seja a sua fortuna, fama ou linhagem, acaba por cometer um erro. O senhor Valdés aproximou-se de dona Inés e cravou os olhos no ventre da mulher. O seu olhar espelhava o peso do erro que cometera.

O silêncio só voltou ao solar dos senhores Valdés já entrada a madrugada, antes do despontar do dia e da primeira tempestade da manhã. No relógio soaram as badaladas das três quando dona Inés acabou por se render aos efeitos de uma sedação suave que o doutor Cubedo lhe foi administrando num paninho embebido com clorofórmio que tirou da sua maleta. Isabela cumpriu obedientemente as ordens.

– Nada de incomodar a mãe – disse-lhe. – Levas a menina ao peito e ela que mame, e que mame e volte a mamar.

A criada protestou porque os seus peitos estavam secos, mas o médico insistiu teimosamente até que a parteira falou:

– Doutor, também sou ama de leite. Calha-me bem esta menina para não me secar o leite.

O médico virou-se para ela, admirado pela revelação, e perguntou-lhe se estava vacinada. A jovem fez um aceno de cabeça em sinal afirmativo.

– Não falemos mais disto. A rapariga vai amamentar esta menina até dona Inés recuperar. Consegues dar conta do recado?

– Doutor, não menospreze uma cega que, lá por ser cega, não é tonta.

– Pois, não falemos mais disto – repetiu Cubedo.

– Quando é que a minha mulher vai acordar? – perguntou *don* Gustavo.

– Por agora, deixem-na dormir tantas horas quantas o clorofórmio quiser.

– E depois? – insistiu a ama de leite.

– Depois deem-lhe mais um dia, mas se a senhora pedir para ver a menina, levem-na e ela que a ponha ao peito.

Don Gustavo fez outra tentativa para protestar mas, tal como claudicara da primeira vez, claudicou da segunda.

O médico aproximou-se de dona Inés, destapou-a, viu-lhe os peitos inflamados. Apertou um deles e do mamilo jorrou um líquido amarelo e espesso.

– Este colostro vai aguentá-lo. A coitada está cheiinha, cheia de leite!

Isabela não aguentou as lágrimas. Era de chorar muito e a desoras, quando não vinha a propósito. Tinha a menina nos braços, enrolada nos lençóis. Devia pesar menos do que um gato.

– E tu – disse o médico ao aproximar-se dela –, faz um chá de camomila e dá-lhe umas colherinhas com açúcar para que faça cocô.

– À senhora?

– Não, filha, à menina. Que falta de inteligência, meu Deus!

O doutor começou a apanhar todos os instrumentos que tinham ficado espalhados pelo chão do quarto e guardou-os na sua maleta. Tirou de um bolso um frasco meio cheio de tónico *Koch* para enriquecer o sangue.

– Ela que tome isto quando acordar – disse dirigindo-se a quem estivesse a ouvi-lo. – Isto é para a mãe! – frisou. – Porque é preciso dizer tudo.

Até nas pestanas sentia o cansaço.

Antes de sair comprometeu-se a voltar a meio da tarde, «quando recuperar desta sonolência», acrescentou. Não se recordava de uma noite assim desde os seus anos de juventude, quando conseguia passar até três dias sem pregar olho a tratar de anciãos, a curar crianças ou quem estivesse doente, não importando que fosse jovem, velho, homem ou mulher. Estava sempre a postos para qualquer naufrágio e com mais vocação do que um padre.

Don Gustavo acompanhou-o até ao portal da entrada principal.

– Senhor Valdés, vai ter uma menina lindíssima. Não tenha medo. E lembre-se: Deus não se alimenta dos bons. Só os observa para os tornar melhores.

O médico estava a referir-se à boa fama dos senhores. Todos os de Punta do Bico os tinham em alta consideração: eram os melhores patrões, os mais generosos e os únicos que não faziam alarde da imensa fortuna do seu passado e do seu presente. Além disto, desde há muito tempo que os Valdés eram justos. Só assim se explicava que durante décadas os aldeões tivessem explorado as suas terras sem lhes roubar nada. Ou roubando-lhes pouco; que é outra forma de honradez.

– Não sei do que me fala – respondeu o senhor.

Don Gustavo, ainda abalado pelo parto de Renata, percebeu-o pelo lado do seu pecado e receou que Deus estivesse de olho na sua família em jeito de advertência. Ou que o médico soubesse de qualquer coisa e tivesse contado a *don* Castor, o padre, e que este, que era um bocado mexeriqueiro, a tivesse comentado, assim como quem não quer a coisa, às senhoras da paróquia ou aos senhores de Sardina e que, chegado o momento, estes se servissem disso para desestabilizar o seu casamento e dar cabo da sua boa reputação.

– Vá dormir. Portou-se à altura.

Don Gustavo seguiu-o com o olhar até que o doutor Cubedo desapareceu na noite com a sua maleta e a roupa ainda húmida. Os cães da quinta aproximaram-se desorientados, não eram horas para o senhor, e farejaram-no. Fechou a porta e, ao virar-se, viu Mariña nos últimos degraus das escadas. Ao lado, Isabela agarraava a filha dele nos braços.

– Senhor Valdés, a menina já mamou e está calma, mas daqui a poucas horas vai voltar a ter fome. A ama de leite devia ficar a dormir aqui no solar. Se isso não incomodar...

– Sim, é melhor – admitiu. Mas antes deixa-mevê-la...

Aproximou-se da filha e beijou-a na testa. Cheirava a ferro fundido e a semente de amêndoas. Tinha um cheiro amargo, a sangue seco.

– Isabela, prepare os quartos do fundo e vão descansar. Antes, abra as janelas para deixar entrar o aroma do buxo. Esta criança cheira a raios.

Isabela aproximou-a do nariz. Cheirava a ela.

– Muito bem, senhor. Vou preparar o berço aí.

– E deixemos a senhora descansar. Com certeza que dentro de pouco tempo poderá cuidar da filha.

– Assim faremos, senhor. Precisa de alguma coisa?

Don Gustavo retirou-se sem responder.

Descalçou-se antes de entrar no quarto do casal. Abriu a porta com cuidado para não fazer barulho, mas a verdade é que isso também não tinha importância, pois dona Inés continuava tal e qual a tinham deixado. De pé, diante dela, deixou as lágrimas escorrerem-lhe pela cara sem se preocupar em enxugá-las. Vista de perto, dona Inés tinha o esgar da dor tatuado nos lábios, o cabelo despenteado, ainda empapado pelo suor, os braços escondidos sob o lençol. Puxou o lençol e sentiu pudor ao vê-la nua e vazia. Pelo menos estava limpa do sangue derramado.

Acendeu um charuto que encontrou na mesinha redonda da varanda junto à pilha de jornais que costumava ler antes de dormir.

Se fechasse os olhos, ainda conseguia ouvir o seu avô *don* Jerónimo a ditar a sua última sentença com aquela voz rouca de rum e charutos:

– Voltarei a Espanha e à minha província e a essa varanda que desehei ao entardecer em Cíes para morrer com o sol.

Não cumpriu o seu desejo porque o velho não voltou de Cuba, para onde emigrara após a traição dos primeiros senhores Vidal Quiroga, mais conhecidos como os senhores da Sardina. Tinha sido com o seu avô que tudo começou.

Don Jerónimo foi o primeiro Valdés a enriquecer na família com os barcos do sal que faziam a rota desde as salinas da baía de Cádis até aos armazéns galegos. No início do século XIX, a conserva de sardinha começou a exigir quantidades enormes de sal e, antes de mais alguém, *don* Jerónimo foi o primeiro a aproveitar o negócio. Os senhores da Sardina, catalães que se tinham mudado para a costa atlântica, tornaram-se os seus melhores clientes. Também fornecia sal a outros locais, mas havia que reconhecer que os Vidal Quiroga o usavam da melhor maneira. Pescavam com técnicas novas e aperfeiçoaram a salga e a prensagem. Isto permitia-lhes conservar o peixe durante mais tempo e vendê-lo a trouxe-mouxe desde o sul de França até ao

Levante, passando por Barcelona e atravessando o Mediterrâneo até ao litoral italiano.

Os senhores de Sardina precisavam de meia fanega de sal para salgar um milhar de sardinhas. Isto permitiu que *don* Jerónimo crescesse e voltasse a crescer e investisse em mais frota para fazer mais rotas. Chegou a transportar mais de trinta mil metros cúbicos de sal, o que representava cem deslocações por ano. Tudo se multiplicava na família. As roupas. Os caprichos. Os livros que chegavam à província. A arte. As joias para a avó de Gustavo, dona Sole Guzmán. Os candeeiros que decoravam a primeira mansão e que acabaram por luzir nos salões do solar. Pois foi nessa época, e graças ao sal, que os primeiros Valdés compraram o solar de Punta do Bico a uns fidalgos arruinados a quem *don* Jerónimo não regateou nem um real porque já lhes bastava o terem perdido tudo.

Todos o conheciam por solar do lugar do Espírito Santo por se erguer na colina do mesmo nome. O acesso fazia-se através de um caminho de *xabre*,^{*} sombreado por castanheiros que lhe conferiam uma majestade luminosa. *Don* Jerónimo ficou fascinado pelos seus imponentes muros de granito das pedreiras de Vincios. Com o passar dos invernos, o musgo foi salpicando as zonas sombrias onde o sol raramente chegava para o acariciar.

Nada podia correr mal ou, pelo menos, era essa a impressão, mas a situação mudou por culpa das guerras sucessivas e dos ataques dos corsários franceses, que fizeram do mar um território perigoso a ponto de provocar a retirada da frota portuguesa e comprometer seriamente a espanhola. Encontrava-se *don* Jerónimo a tentar sobreviver aos piratas quando um vizinho da província, cujo nome não se pode pronunciar porque dá azar, se tornou, da noite para o dia, o maior comerciante de sal do Reino de Espanha. Assinou contratos leoninos com as salinas do Porto de Santa Maria que impediram que mais alguém lhes pudesse pôr a mão. Por isso *don* Jerónimo apressou-se a vender a sua

^{*} Terra arenosa. (N. do T.)

frota por bom preço, mas descobriu que o vizinho em questão estava de conluio com os senhores de Sardina e aquilo deixou-lhe o sangue a ferver. Não por alguma coisa em especial, pois *don* Jerónimo já era rico, mas porque viu com toda a clareza qual era a jogada: os senhores de Sardina queriam ficar com tudo, com a sardinha e com o sal.

Don Jerónimo retirou-se para o seu solar com vista para as ilhas Cíes e durante alguns anos dedicou-se exclusivamente a receber os seus trabalhadores. Desempregados uns e contratados outros pela nova empresa, queixavam-se de tudo. As mulheres contavam-lhe historietas e mexericos acerca da senhora de Sardina, mas ele tapava os ouvidos e perdia-se no horizonte a ver como os barcos chegavam ao porto carregados daquele que devia ter sido o seu sal. Também assistiu aos naufrágios e viu os destroços que a maré baixa deixava a nu nas margens. Assim foi até que um belo dia se fartou de ficar calado; deixou a sua Galiza natal e embarcou rumo a Cuba com a mulher, dona Sole Guzmán, e os dois filhos, Pedro e Venancio, já crescidos. Não contou a ninguém para onde ia. Negociou as terras com os camponeses e jurou-lhes não aumentar as rendas durante o tempo em que estivesse fora. Se o sal lhe tinha dado fortuna, o açúcar torná-lo-ia ainda mais rico.

Sem que disso tivesse dado conta, ao amanhecer *don* Gustavo deu por si a cabecear no cadeirão. Adormecera com o charuto entre os dedos que, entretanto, se apagara antes de lhos queimar.

– *Don* Gustavo, *don* Gustavo – sussurrou-lhe a voz de Isabela.

Sobressaltado, abriu os olhos.

– *Don* Gustavo, levo-lhe o pequeno-almoço? São quase oito horas.

– A senhora! – exclamou.

– A senhora ainda está a dormir – respondeu a criada.

– E a menina?

– A menina também está a dormir. A rapariga já lhe deu de mamar.

– E o Jaime?

– Estão todos a dormir, senhor!

– Tenho de ir à fábrica. É segunda-feira – disse enquanto esticava os braços.

A criada saiu do quarto e *don Gustavo* preparava-se para se arranjar quando viu chegar Domingo, o marido de Renata. Estava perdido de bêbado. Saiu da varanda para que o caseiro não o visse, mas seguiu-o com o olhar. Ainda não acabara de abrir a porta quando o homem caiu redondo.

Maldita seja! Devia ter-me livrado deles, pensou contrariado.

Renata, com a criança recém-parida amarrada às costas e os peitos à mostra, agachou-se para o esbofetejar até que o homem recuperou a consciência. Estupefacto com aquela cena, *don Gustavo* abriu uma fresta da janela e ouviu a mulher chamar-lhe malnascido, desgraçado e vá-se lá saber quantas coisas mais.

– Se o senhor tevê, manda-nos aos dois para casa! – disse antes de fechar uma porta com estrondo.

Don Gustavo voltou a sentir os ossos a gelarem. A seguir viu Renata a correr para a entrada do solar. Depois ouviu a porta principal. E de seguida as vozes das duas criadas. Tentou apurar o ouvido, mas nada. A única coisa que lhe chegou foi um rumor ao longe, uma troca de palavras que não conseguiu perceber, umas mais altas do que outras na voz de Isabela e Renata a pedir-lhe que não falasse alto, «Oxalá o senhor não nos ouça».

E outra vez a porta, que se fechou de repente. E o silêncio.

Pouco depois, os passos de Isabela precederam o pequeno-almoço quente.

– Senhor, veio a Renata.

– E que disse?

– Que pariu uma menina.

– E mais nada?

– Mais nada.

– Ela que leve o tempo que precisar para recuperar – afirmou o senhor a evitar uma troca de olhares.

– Disse que não. Que não precisa.

O senhor deixou a chávena em cima da mesa da varanda.

– Que não entre nesta casa!

– Não estou a perceber.

– Não há nada para perceber. Que não entre nesta casa! – sentenciou.

As palavras de *don* Gustavo deixaram Isabela de tal modo assustada que nem sequer se atreveu a perguntar-lhe se as devia repetir a ela ou a quem quer que fosse, se agora ou quando e, sobretudo, porquê. Calou fundo as suas dúvidas e retirou-se para a cozinha a fim de preparar uma canja de galinha para dona Inés e esperar que o pequeno Jaime acordasse para o entreter e não pensar em mais nada.

Não sentia a mínima simpatia por Renata. Talvez a invejasse por ser bonita e por todos os homens lhe apreciarem o corpo. O senhor tinha sido sempre amável e generoso com todos os seus empregados, mas sobretudo para com aquela criada, a quem concedia boas gratificações e mais alguns presentes. Além disso, já os tinha visto a conversarem animadamente nas tardes de verão, antes do anoitecer tardio em Punta do Bico, a aproveitarem o tempo que a senhora dedicava ao filho ou à leitura dos livros que chegavam desde a capital. Conseguia perceber que tivesse nojo de Domingo e que chegasse mesmo a repudiá-lo, mas a verdade é que as suas bebedeiras não eram nada de novo e que, em sua defesa, cabia dizer que só bebia no dia que tinha o seu nome, como se quisesse homenagear-se a si mesmo com o vinho tinto dos pobres.

– A mulher já carrega uma cruz bem pesada.

O senhor saiu do solar sem dizer se voltaria para comer, se assistiria à visita vespertina do doutor Cubedo, se queria que Isabela avisasse *don* Castor para rezar uma missa por dona Inés na capela...

A criada não teve tempo para lhe perguntar porque se esfumou tal qual um espírito a caminho da fábrica, à qual, como dissera, tinha de ir por ser segunda-feira.

No entanto, aconteceu uma coisa antes de ele transpor o portão que rangia sempre. Renata estava à espera dele, encostada aos muros